

Na praça, contra tudo

Eduardo Graça

Valor Econômico, 7.10.2011.



O ex-bibliotecário Robert Carlson: "Não consigo emprego, não tenho dinheiro para voltar para a universidade. O que restou de criatividade, de meu desejo, eu trouxe para cá"

Eles são estudantes, desempregados, ex-militares, funcionários públicos, professores, sindicalistas, marxistas, punks, ambientalistas, artistas, anarquistas, militantes de carteirinha dos movimento negro e dos grupos que lutam pelos direitos dos homossexuais. Mas também são Susan Sarandon, Noam Chomsky, Michael Moore e Joseph Stiglitz, algumas das vozes célebres na salada política denominada "Ocupem Wall Street", que tomou conta do parque Zuccotti, localizado a meio caminho entre Wall Street e o Ground Zero, no distrito financeiro de Manhattan, ao lado de um dos grandes templos do consumo da cidade de Nova York, favorito de nove entre dez turistas brasileiros, a loja de departamentos Century 21.

No acampamento montado há pouco mais de três semanas no local, onde os manifestantes se amontoam em colchões improvisados e se protegem da tradicional chuva fria de outono com lonas coloridas, essa federação de interesses tem ao menos um objetivo claro: ver o sistema financeiro pagar pela crise econômica financeira que levou a maior economia do planeta a índices de pobreza e desigualdade social similares aos da Grande Depressão.

"Ainda não podemos sequer afirmar se tratar de uma federação. Eles são cidadãos comuns que perceberam não fazer mais parte da engrenagem da sociedade americana", diz o sociólogo Stephen Duncombe, da Universidade de Nova York (NYU), que acaba de lançar "White Riot", um conjunto de ensaios sobre a cultura punk da virada dos anos 1980 nos Estados Unidos e a transformação do nihilismo anárquico em uma negação mais ou menos consciente da ordem capitalista. Para ele, a retórica

usada é de esquerda, mas o mais fascinante é a ausência das formas de protesto da esquerda tradicional, já que não há demandas definidas ou uma organização verticalizada. "Há quem veja nisso sinais de desesperança no poder de ação dos meninos da praça. É um equívoco. O que se dá em Manhattan, hoje, é o nascimento de um novo tipo de movimento social, multivocal, sem ícones, conectado."

Se nos anos 1960 o crítico literário Lionell Trilling descreveu a onda de protestos nos EUA como o "modernismo nas ruas", o que se vê em Wall Street, observa Duncombe, é o começo da "internet nas ruas". "De certa forma, eles são filhos dos militantes antiglobalização dos anos 1990, quando se percebia um grande 'não' e milhares de 'sim' nas faixas, gritos de ordem e objetivos dos militantes."

"Ocupem Wall Street, desocupem a Palestina!", "Nós somos os 99% que pagam impostos, junte-se a nós!", "Quando a injustiça impera, resistir é nosso dever" [Thomas Jefferson], "Vocês viram a Primavera Árabe, venham conhecer o Outono Americano" e "Bem-vindos aos Estados Soviéticos da América" foram algumas das mensagens espalhadas pela praça nos três dias em que o **Valor** acompanhou a atividade de militantes que chegaram dos quatro cantos do país. No artigo sobre o tema mais comentado da semana, "Os banqueiros e os revolucionários", o colunista do "New York Times" Nicholas Kristof diz que, depois de passar o ano cobrindo levantes populares do Cairo ao Marrocos, precisou apenas pegar o metrô para conferir o novo "campo revolucionário" urbano do planeta: a praça Zuccotti.



No acampamento, manifestantes se amontoam em colchões improvisados e se protegem da chuva fria de outono com lonas coloridas

"Muita gente chiou depois que postei no twitter que a Zuccotti me lembrava a praça Tahir, no Egito. Claro, não há balas disparadas ao redor e ninguém pretende demover ditadores do poder. Mas ali está a mesma juventude alienada, a mesma vontade de usar as mídias sociais para recrutar mais participantes e, principalmente, há também um sensação de insatisfação entre os jovens com um sistema político e econômico que os manifestantes consideram corrupto, falido e venal", escreve Kristof.

Os paralelos com a Primavera Árabe são cultivados pelos militantes, mas eles também se inspiraram nos protestos recentes na Espanha e na Grécia, cujo parentesco, especialmente no campo das ideias, parece mais direto. "Vim para cá porque não acredito mais no processo que a elite chama de democrático. Não tenho dinheiro para pagar a universidade, não consigo arrumar emprego e minha única alternativa, fora da praça, é ir para a Flórida, onde moram meus tios, e me alistar como fuzileiro naval. A democracia, o mundo das possibilidades, das escolhas, é tudo uma falácia", lamentava Eric Suarez, 25 anos, que trocou a casa dos pais em Jersey City, onde se apertava em um quarto desde que foi mandado embora da loja em que trabalhava, por um colchão no meio do distrito financeiro de Nova York.

A desilusão com o processo democrático também foi o combustível que levou Season Poll, 22, a encarar 18 horas de ônibus para deixar os cafundós do Ohio e se instalar no acampamento de Wall Street. "Essa gente precisa pagar pelo que fez. Somos a maioria da população e só vamos sair daqui quando os bancos passarem a ser regulamentados, tiverem de prestar satisfação aos cidadãos comuns. Daqui ninguém me tira!", disse, a voz desafiadora, o cabelo negro liso jogado para o lado e um pedido sutil de privacidade, pois começara a ler um livro há poucos minutos.

A praça, no fim de tarde chuvosa de segunda-feira, é um organismo vivo, com muita gente lendo romances, gibis e livros de filosofia e sociologia com igual interesse, todos adquiridos de forma gratuita na biblioteca popular instalada na extremidade noroeste do acampamento. Ao centro fica a cozinha comunitária, com muitas frutas e verduras, mas sucesso mesmo faz a pizza de um estabelecimento local, que, simpático às massas, criou a "OccuPie special". Detalhe: qualquer simpatizante, do mundo todo, pode fazer o pedido online, pagar com cartão de crédito, e mandar entregar na praça. A quantidade de alimentos é tamanha, mesmo para as cerca de 500 pessoas presentes de forma integral no local (no domingo, mais de 3 mil circulavam pela praça e boa parte dos manifestantes vivem em Nova York e voltam para casa todos os dias), que os organizadores criaram um sistema de distribuição para os desabrigados da parte sul da ilha de Manhattan. Como Nova York acaba de anunciar que 20% de sua população vive abaixo da linha de pobreza, a ajuda é mais do que bem-vinda.

Abra-se um parêntese para sublinhar a multiplicidade de cores, rostos e idades circulando pela praça. Há manifestantes de todas as idades (embora a maioria seja jovem e caucasiana), gêneros e etnias e, apesar de todas as críticas - especialmente de setores liberais - relacionadas ao caráter oba-oba do "Ocupe Wall Street!", o que impressiona o visitante em um primeiro momento é justamente o caráter sistemático do grupo, que conta com assistência jurídica gratuita para os que acabam presos por ocupar as ruas da cidade e mantém uma agenda mais ou menos rígida, constituída de uma marcha diária pela cidade e assembleias-gerais intensas, inspiradas em movimentos pacíficos de protesto. A maior delas até o fechamento desta reportagem acabou gerando a prisão de 700 manifestantes na ponte do Brooklyn, no fim de semana passado. Na quarta-feira, sindicalistas das principais federações de trabalhadores do país prometeram engrossar a marcha dos meninos da praça, que pretende fazer um barulho enorme na prefeitura, localizada no limite entre o distrito financeiro e o chamado City Hall.



Paralelos com a Primavera Árabe são cultivados pelos militantes (na foto, em Los Angeles), mas também veio inspiração de protestos recentes na Espanha e na Grécia

"Não é irônico isso?", pergunta o estudante da Escola de Negócios da Universidade Baruch - sem reconhecer ser ele mesmo uma ironia andante - Brandon Klein, 21 anos, que vive no Queens: "Os republicanos acharam que levariam a democracia para o mundo árabe invadindo o Iraque. A ironia é que foi o mundo árabe que nos deu uma lição de democracia e, posso garantir, estamos aprendendo rápido". Alto, magro, usando um casaco fino, passando frio no começo da noite de outono com temperaturas de 12 graus, Klein conta que só conseguiu uma bolsa na faculdade depois que sua mãe, enfermeira, perdeu o emprego. "Agora ela faz uns bicos para manter a casa, mas pelo menos consegui a bolsa porque pude provar ser uma pessoa pobre", diz.

São esses meninos que começam a tirar o sono da elite financeira ianque. A principal estrela da cobertura de economia do "New York Times", o colunista Andrew Ross Sorkin, autor do best-seller "Too Big To Fail: The Inside Story of How Wall Street and Washington Fought to Save the Financial System - and Themselves", uma das mais completas crônicas do desmoronamento da economia americana nos anos Bush, escreveu, na terça-feira, que vem recebendo seguidos telefonemas de preocupados figurões do setor financeiro. "Um CEO me perguntou se havia algum risco para sua segurança física", revelou.

Sorkin lembra que a maioria dos bancos de investimento está localizada hoje em Midtown, nas imediações da Park Avenue, muitas quadras ao norte da praça Zuccotti, mas o simbolismo da ocupação, frisa, foi bem maior do que eventuais peculiaridades geográficas. "Disse aos executivos que a mensagem desses meninos é clara - eles querem que Wall Street e as corporações americanas paguem o que devem pela crise financeira e o aumento da desigualdade social do país. E se a economia continuar o ciclo negativo por mais tempo, poderemos evoluir para algo mais próximo de uma desobediência civil em massa", diz um dos jornalistas que mais conhece as entranhas do sistema financeiro americano.

A semente do populismo niilista-esquerdista (como vem sendo chamado por parte da academia) se espalhou pelos quatro cantos dos Estados Unidos. Já há grupos denominados "Ocupem Wall Street" reunidos na bandeira "Ocupem Juntos" em Washington, Boston, Chicago, Los Angeles, Baltimore, Mineápolis, Memphis e Seattle, mas também em localidades menos óbvias, como Hilo, no Havaí, e McAllen, no Texas. Na capital federal, o grupo planeja ocupar em breve uma praça nas imediações da Casa Branca.

"Se esse crescimento seguir nos próximos meses, os meninos vão forçar o presidente a se mover para a esquerda, exatamente como Franklin Roosevelt fez durante o New Deal", prevê Duncombe. Nesse aspecto, o 'Ocupe Wall Street' se assemelha ao 'Tea Party', que jogou o Partido Republicano ainda mais para a direita. "Mas existe uma grande diferença entre os dois. O Tea Party se tornou uma ala da oposição, abrigando as elites conservadoras. Os meninos da praça Zuccotti também são críticos do Partido Democrata e não querem a proximidade com os figurões do partido. Esse aspecto pode torná-los pouco eficazes em um primeiro momento, mas também aumenta seu poder de influência ao questionarem o sistema político, e não apenas um ator específico do bipartidarismo característico da moderna democracia americana."

Dias atrás, o ex-governador de Nova York e cacique democrata David Paterson foi dar seu apoio aos manifestantes, mas foi recebido com frieza, ao contrário da festa que se fez em torno de Michael Moore. O documentarista exigiu que sua entrevista exclusiva ao canal de notícias 24h MSNBC sobre o "Ocupe Wall Street" acontecesse in loco. Com o barulho dos manifestantes ao fundo, ele disparou: "Basta! Este é o começo da revolta. A gente se encheu. Acabou! Este é o resultado óbvio de um país que jogou 46 milhões de pessoas na pobreza, e isso vai acontecer, de forma não-violenta, no país todo, nos próximos dias. E sabe por que não vai ter agressão? É por que há milhares de pessoas como nós, e apenas umas poucas centenas do outro lado!", disparou.

Com uma nota de dólar na boca, afirmando que a democracia americana não tem mais voz, tolhida pelo domínio das corporações e dos lobistas, o ex-bibliotecário Robert James Carlson, 25 anos, concorda com o diretor de "Capitalism: a Love Story": "Estou acampado há oito dias e isso aqui só faz crescer. Está começando a ficar apertado, mas é sinal de nossa força, de nossa tenacidade. Não consigo emprego, não tenho dinheiro para voltar para a universidade, não sei mais o que fazer. O que restou de minha criatividade, de meu desejo, eu trouxe para cá. Além de me reenergizar, sinto que estou de fato fazendo algo para mudar o meu país. Meu único porém é não ter saído às ruas antes. Por que demorei tanto?".

A sensação de raiva que impera na praça é, enfatiza Kristof, mais do que compreensível: "É enervante ver banqueiros que foram salvos da bancarrota pelos contribuintes agora reclamar de eventuais regulamentações pensadas justamente como uma proteção contra eventuais quebraadeiras do setor. E é muito importante o fato de os manifestantes destacarem o aumento da desigualdade social: alguém acha que é certo 1% da população dos Estados Unidos possuir mais capital do que o conjunto dos 90% menos favorecidos economicamente?".

Duncombe lembra que os mesmos liberais, rápidos em torcer o nariz para os manifestantes antiglobalização, seguem desconfiados de um movimento já responsável, em sua curta existência, por caminhadas tão hilárias quanto memoráveis, como o ataque dos zumbis banqueiros na ponte do Brooklyn ou a polêmica marcha de topless que deixou a sisuda polícia nova-iorquina desconcertada. A bem da verdade, apesar das prisões, a relação entre os dois grupos segue no limite do cordial, com os representantes da lei trazendo cookies para o café da manhã dos meninos que, por sua vez, retribuem com um chocolate quente caprichado no fim do dia, quando o frio vem.

O interesse de Duncombe pelas táticas de protesto pouco convencionais fazem sentido. Ele foi um destacado ativista dos "Bilionários com Bush", grupo que se vestia como Tio Patinhas para mostrar qual parcela da sociedade americana, em sua visão, se beneficiaria mais com a reeleição, em 2004, do ex-governador do Texas. Ele discorda dos que veem nos meninos da praça inocentes úteis. "Mas é exatamente o oposto! Eles são ultrarrealistas. Por que fazer uma lista de demandas quando elas serão solenemente ignoradas? Por que levantar uma bandeira partidária, se isso significa a limitação de possibilidades, a ossificação do movimento? Não, estas são características dos protestos políticos do passado. O que estamos vislumbrando na praça Zuccotti, na Europa e no mundo islâmico, é o futuro, o surgimento de algo novo, que ainda precisa de tempo para desenvolver um vocabulário político próprio, uma estrutura específica."

"Ouso dizer que o impacto do 'Ocupe Wall Street' será ainda maior do que o dos movimentos esquerdistas dos anos 1930 e 60", imagina o professor da Universidade de Nova York. "Um observador menos perspicaz pode se prender à moda punk e às tatuagens dos meninos da praça, mas há um diferencial importante: eles estão mais próximos do interesse da maioria dos americanos do que os radicais da contracultura. Os neorradicais estão tratando de temas que impactam a imensa maioria da sociedade: a instabilidade econômica e o sentimento de apatia frente ao sistema político. Há uma clara verdade na tecla, por eles batida a todo momento, de que 'representamos aqui os outros 99%' da população, completamente alijados do poder. É isso!", diz Duncombe, como quem matasse uma charada.

2011, ano de protestos em todo o mundo

Diego Viana,

Valor Econômico, 7.10.2011.



Na Espanha, protestos contra medidas econômicas do governo e a corrupção tomaram as ruas de várias cidades, como em Barcelona (na foto)

Nova York e as demais cidades "ocupadas" nos EUA são a última estação no itinerário de manifestações que marca 2011 como um ano de protestos. São irrupções com múltiplas faces e escopos diferentes, mas, segundo a socióloga Saskia Sassen, da Universidade Columbia, "é preciso constatar que estão se espalhando e são simultâneas. Afinal, em larga medida, tratam de reivindicações sociais, justiça econômica e acesso ao trabalho".

Pode ser difícil encontrar o vínculo entre o levante tunisiano que deu na Primavera Árabe, os protestos estudantis chilenos, os enfrentamentos na Grécia, a fúria dos saques na Inglaterra, as manifestações por moradia em Israel e os longos acampamentos em praça pública na Espanha. Segundo a socióloga, o que se apresenta é o fenômeno da "rua global". Enquanto espaços tradicionais da política, como as praças públicas, são ritualizados, o espaço da rua é cru e, por isso, "um espaço onde novas formas do social e do político podem ser feitas".

A crise econômica, com seus efeitos sobre a população (jovens em particular) é o ponto de convergência entre lutas contra ditaduras nos países árabes e as manifestações contra a primazia do sistema financeiro no Ocidente. Segundo Ruy Braga, o impacto da crise em cada margem do Mediterrâneo varia, mas produz revoltas. Na Europa, os jovens não aceitam os pacotes de austeridade, que podem aprofundar o desemprego e a estagnação. "A perspectiva de que o futuro está comprometido tem um impacto psicológico muito forte. Nos EUA, pensar que um filho não vai superar o pai em qualidade de vida é inaceitável."

O cientista político José Augusto Guilhon de Albuquerque, também da USP, identifica como traço comum nos protestos de 2011 um "efeito-demonstração". O efeito consiste em descobrir que é possível manifestar-se, descer à rua e ser ouvido. Nos países árabes, submetidos há décadas a regimes despóticos, o efeito é mais visível. De uma hora para outra, as populações encontram um canal de manifestação: a rua. Nas democracias, o fenômeno é parecido. O que se expressa em protestos como o espanhol, o americano e mesmo o israelense é o sentimento de alienação da juventude, que sofre com alto índice de desemprego e não vê nos representantes políticos iniciativas para enfrentar suas mazelas. "Quem não está alienado não protesta", afirma.

"As pessoas estão experimentando aquilo que os franceses chamam de 'ras-le-bol'", diz Guilhon. O "ras-le-bol" exprime o transbordamento das frustrações. "As pessoas sabem que tem um governo, que podem se manifestar, mas não adianta." Embora movimentos como o espanhol e o americano tenham poucos vínculos institucionais e reivindicações imprecisas, o transbordamento das frustrações conduz as pessoas às ruas.

Braga assinala que a ausência de vínculo institucional pode ser só uma aparência. "A mobilização alternativa não implica a ausência de instituições por trás. Não existe uma forma única de fazer política." Para o sociólogo, as organizações difusas que coordenam as manifestações em vários países representam formas alternativas de institucionalidade, demonstrando que "a democracia representativa não é o horizonte único da política".

Guilhon identifica três pontos que faltam aos movimentos da Espanha e dos EUA para que obtenham sucesso político comparável ao dos levantes na Tunísia e no Egito. Para o cientista político, o sucesso de um movimento depende de ter uma identidade clara, um adversário definido (que possa efetivamente ceder em algum ponto) e o horizonte de um benefício a obter. Porém, "o sistema financeiro", contra o qual protestam os americanos no distrito financeiro de Nova York, não é um adversário definido, mas um conceito difuso; a proporção de "99%" não é uma identidade política clara; e a noção de "democracia real" não fornece um horizonte preciso.

Braga aponta que o processo ainda está em andamento e a capacidade de produzir suas próprias formas de organização será determinante. "Quando falta uma plataforma ou uma data limite de negociação, como nas greves, o movimento pode se desmobilizar", diz. O que dirá se as manifestações darão resultados será a capacidade de produzir "ganhos organizativos, que sigam funcionando quando não houver mais tanta gente nas ruas". Embora estime que a probabilidade de ocorrer algo assim esteja, hoje, em 50%, o sociólogo ressalta que o aprofundamento da crise amplia as chances.

Tanto por estarem espalhados pelo mundo quanto pela variedade de suas demandas, a onda de protestos de 2011 suscita comparações com 1968. Aquele foi um ano que começou com greves na França, logo transformadas em barricadas estudantis, emblemáticas pelos grafites nas paredes da Sorbonne. Logo o rastilho se espalhou para a Tchecoslováquia, os EUA e o Brasil. Braga aponta os paralelos entre os dois momentos, lembrando que, assim como os manifestantes reagem a um grande evento mundial (a crise), os jovens de 1968 tinham a guerra no Vietnã como referência. Hoje, porém, a crise econômica é profunda, atinge mais diretamente os jovens e não oferece horizonte de saída para os países industrializados. "Isso tende a alimentar um período mais longo de protestos."